

al.ama

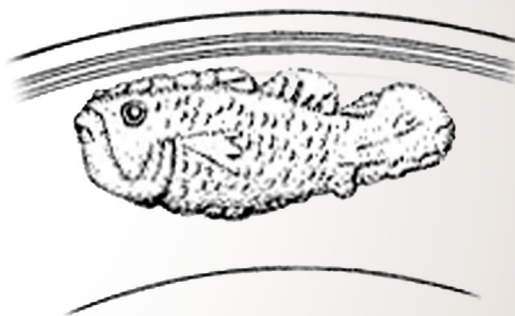
ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

#24 (tomo 2) Jul. 2021

O MUNDO ANIMAL NA ROMANIZAÇÃO DA PENÍNSULA IBÉRICA



**Boas e más práticas
na actividade arqueológica**

**Por que precisam o(a)s
arqueólogo(a)s de teoria
arqueológica nas obras?**

**A inteligência
artificial na identificação
de artefactos cerâmicos**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

El Emperador y los ríos religión, ingeniería y política en el Imperio Romano

José d'Encarnação

[Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

A pesar de ter sido editada em 2012, não perdeu esta obra a sua actualidade e, por a não ter visto muito referida, afigura-se-me de interesse dar conta do seu conteúdo. Por dois motivos: por os rios continuarem a ser ainda hoje um tema dominante em todos os domínios (da política, da economia, do ambiente, da religião...); e, por outro lado, porque – queira-se ou não – “a História é mestra da vida” e, decerto, muitas das iniciativas tomadas pelos imperadores romanos em relação aos rios serão bem susceptíveis de ser oportuna lição para os dias de hoje.

Antes de entrar na referência ao conteúdo do volume, permitam-se-me três notas prévias.

Prende-se a primeira com a preocupação sempre havida na cidade de Roma em salvaguardar o leito de cheia do rio Tibre. Eu não referi que havia lições a reter? Lê-se numa inscrição dos anos 7-6 a.C.: “O imperador César Augusto, filho do Divino, pontífice máximo, no seu 17º poder tribunicio, por senátus-consulta, delimitou. Em linha recta, o próximo cipo a 219 pés”.

Estava o marco no limite de leito de cheia, explicitava a epígrafe que fora o imperador, dotado dos seus poderes políticos e religiosos, que ali fizera cumprir o que o Senado determinara. E mais: ficava anotado que havia outro marco daí a, mais ou menos, 65 metros!

A segunda nota, que também vai ao encontro do que no livro se dirá, diz respeito ao rio Ebro. Nasce nos Montes Cantábricos, em Fontibre, nas Astúrias, e vai desaguar no Mediterrâneo, não longe de Barcelona. 930 km de percurso! Deu, pela sua importância, nome à Península Ibérica. Nasce, em leves borbotões, de uma pequena fenda na rocha e, sobre a rocha, a estátua de Nossa Senhora, para santificar as águas, proteger as terras e as gentes que o rio encontrará no caminho... “Mas o próprio rio, assim, terá personalidade própria, divina quiçá. Como divindade o representarão, aliás, os Romanos, na estátua que, em jeito de personagem, lhe erigiram e de que ainda

se pode admirar um fragmento em Tarragona, com a inscrição *FLVMEN HIBERVS!*” (<https://bit.ly/2UJqJa2>, p. 57).

A capa do livro de Santiago Montero reproduz o trecho do baixo-relevo da coluna de Marco Aurélio a mostrar os soldados romanos em cima de uma ponte de barcas. E há, na coluna de Trajano, a representação da ponte sobre o rio Danúbio, obra notável de Apolodoro de Damasco. A passagem do Danúbio possibilitou a vitória sobre os Dácios e valeu ao imperador o cognome de *Dacicus*. Um feito insigne na época, por se considerar o Danúbio qual fronteira intransponível e que só até ali poderiam ir os Romanos. Trajano foi mais além.

A noção de rio como fronteira permanece hoje, por facilidade administrativa, mas sabe-se que, em vez de separar, o rio pode unir as duas margens. No caso da Lusitânia romana, na zona do Nordeste alentejano, vemos, pelas características da onomástica, que estávamos no “mesmo mundo” dum lado e doutro do *aurifer Tagus*. E só quem não se apercebeu, um dia, que as crianças romenas são capazes de ir para a escola, de uma margem para a outra dos braços do delta do Danúbio, nas suas frágeis barcaças, é que insistirá na noção de fronteira real.

Referiu-se o *aurifer Tagus*, “o Tejo aurífero”, por, nas suas areias desde há muito se encontram pepitas. ¿E não significa ‘Almada’ a mina e não é verdade que, não há muitos anos, os pescadores da Costa se não privavam, Outono fora, marés vivas, de andar à gandaia no areal? O rio, pois, não apenas como meio de comunicação e de transporte, mas portador de riqueza que não apenas a do pescado.

Alongámo-nos nas premissas, para mostrar, desde logo, que o tema já na Época Romana, como na actualidade, pode e deve prender a atenção. E isso pode ver-se no conteúdo do volume em apreço.



MONTERO HERRERO, Santiago (2012) – *El Emperador y los ríos: religión, ingeniería y política en el Imperio Romano*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia. ISBN: 978-84-362-6394-7. 360 páginas, ilustradas.

Depois de aludir ao carácter sagrado das águas, Santiago Montero refere-se aos rios na acepção de “*fronteira política e administrativa*” (pp. 28-52), o que o leva a falar da “*guerra e diplomacia nas margens do rio*” (pp. 53-68), e de “*os rios como aliados e inimigos de Roma*”. Atenção particular lhe merece o capítulo 5 (pp. 91-145), em que se abordam os meios usados para submeter a força das águas, ainda que nisso se tenha podido ver, na época, um sacrilégio: o desvio do curso, a construção de canais, as pontes...

Não deixará de interessar o tema da II parte do volume, que tem o significativo título de “*flumen transire*”, ‘atravessar o rio’. E logo se pensa nos cuidados a ter, na necessidade de observar a força das correntes, fazer uma ponte ou passar a vau, oferecer um sacrifício à divindade que a essas águas superintendia, para não lhe despertar a ira. Passar a cavalo, a nado, pelas águas geladas...

Prende-se a III parte com algo ainda mais actual do que o resto: ¿como se comportaram os Romanos perante as cheias de rios como o Tibre e o Nilo? ¿Veriam nelas o eco da fúria divina? ¿Como é que a engenharia hidráulica pôde minorar ou até evitar desgraças? Havia mesmo os *curatores alvei Tiberis*, funcionários que tinham por expressa missão cuidarem do leito do Tibre.

Finalmente, insinuava-se atrás o encanto do Danúbio no seu delta. As turísticas viagens pelo Nilo do século XXI tiveram as suas primícias em viagens a cujo fascínio diversos imperadores romanos não resistiram...

Termina o volume com adequada e exaustiva bibliografia (pp. 351-360). E chega-se ao fim com vontade de voltar a ler uma e outra passagem, tão sedutor se mostra o tema aqui versado, em linguagem acessível e atractiva. 🐉